

# COM HANNAH ARENDT PARA O ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE O TOTALITARISMO

Rodolfo Rodrigues Medeiros<sup>1</sup>  
Galileu Galilei Medeiros de Souza<sup>2</sup>

## Resumo:

O presente artigo é parte de uma pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/*Campus* Caicó. A produção exposta almeja descrever algumas das atividades, estratégias e temáticas que integraram as experiências didáticas desenvolvidas com estudantes do Ensino Médio (EM), tendo como fundamento a investigação filosófica de Hannah Arendt a respeito do totalitarismo alemão – presente, principalmente, nas obras *Eichmann em Jerusalém* e *Origens do Totalitarismo* –, compendiadas em um texto construído por meio de revisão bibliográfica. As atividades de aplicação e discussão do produto textual ocorreram por meio de preleções e seminários, e o exame dessas experiências e das falas dos discentes (durante os seminários) foi realizado por meio da análise fenomenológica. O propósito é que a descrição apresentada oferte a docentes de filosofia do EM o contato com escritos e recursos que possam auxiliá-los na abordagem do tema mencionado, configurando-se como uma proposta de ação didática direcionada ao EM. O problema central que atravessa esta proposta expressa-se no seguinte questionamento: o acompanhamento da filosofia política de Hannah Arendt, relacionada aos fatores que concorreram com a ascensão e o desenvolvimento do totalitarismo alemão, poderia servir para discentes do EM como instrumento de precaução contra ideologias totalitárias? A apreciação das elocuições proferidas pelos discentes fornece um indicativo da eficácia da proposta.

**Palavras-chave:** Totalitarismo. Hannah Arendt. Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

112

# WITH HANNAH ARENDT FOR HIGH SCHOOL: REFLECTIONS ON TOTALITARIANISM

## Abstract:

This article is part of a research developed with the Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (Professional Master's Program in Philosophy) – PROF-FILO, Nucleus of the Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (State University of Rio Grande do Norte) – UERN/*Campus* Caicó. The production now exposed aims to describe some of the activities, strategies and content that integrated the didactic experiences, developed with high school students, based on Hannah Arendt's philosophical investigation of German totalitarianism – mainly present in the works *Eichmann in Jerusalem* and *Origins of Totalitarianism* –, compressed in a text constructed through a bibliographic review. The application and discussion activities of the textual product took place through lectures and seminars, and the examination of these experiences and the speeches of the students (during the seminars) was done through phenomenological analysis. The intention is that the description presented offers to high school philosophy teachers contact with writings and resources that can assist him in approaching the mentioned theme, configuring himself as a didactic action proposal, aimed at High School. The central problem that runs through this proposal is expressed in the following question: could the monitoring of Hannah Arendt's political philosophy related to the factors that contributed to the rise and development of German totalitarianism serve as a precautionary instrument against totalitarian ideologies? The assessment of the speeches given by the students provides an indication of the effectiveness of the proposal.

**Keywords:** Totalitarianism. Hannah Arendt. Teaching Philosophy in High School.

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pelo Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Caicó. Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, *Campus* Avançado Parelhas. E-mail: rodolfo.medeiros@ifrn.edu.br

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB/*Campus* João Pessoa. Docente do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Núcleo da UERN/*Campus* Caicó. Professor Adjunto IV do Curso de Licenciatura em Filosofia da UERN/*Campus* Caicó. E-mail: galileusouza@uern.br

## Introdução

Os regimes totalitários do século XX, como o Nacional-socialismo alemão e o Socialismo Stalinista russo, por seus crimes, cuja barbárie não possui precedentes históricos comparáveis, deixaram marcas profundas na história e na política contemporâneas. Por isso mesmo, é tarefa árdua, mas importante, compreender como grande parcela da população dessas nações aceitou o papel de colaboradores fiéis dessas ideologias. Ademais, se a atmosfera ideológica totalitária se alimenta de violência, preconceito, discriminação, fanatismo, conflito e rivalidades que se sobrepõem a qualquer motivação racional, não é despropositado afirmar que a importância de se estudar um tema como esse se renova hoje, quando o clima de intolerância e polarizações sociais volta a rondar a esfera pública e privada. É possível identificar esses fatores tanto na política global, presente em problemas como a aceleração do terrorismo mundial ou as hostilidades que envolvem a questão da imigração, quanto em âmbito nacional (brasileiro), pelo acirramento ideológico entre os adeptos de espectros políticos rivais. Embora não se tenha chegado aos extremos do período entreguerras mundial do século passado, os elementos presentes no cenário mundial e nacional reacendem o interesse pelas causas da ascensão e domínio que as ideologias totalitárias exerceram sobre seus seguidores. Desse modo, continua sendo fundamental a tarefa de se promover pesquisas, discussões e atividades capazes de suscitar uma maior reflexão acerca do tema, almejando com isso “contribuir para que compreendamos o totalitarismo e a *significação da permanente luta contra ele*” (POPPER, 1974, p. 16, grifo nosso).

As aulas de Filosofia no Ensino Médio (EM) representam uma boa oportunidade para a realização dessa tarefa. E é justamente nisso que se constitui o objetivo do presente artigo: descrever alguns dos recursos, discussões, experiências e estratégias metodológicas que deram corpo a ações didáticas, implementadas com discentes do EM, dedicadas ao exame das reflexões de Hannah Arendt sobre o totalitarismo alemão, com o intuito de que tal descrição forneça ao docente uma proposta de intervenção didática capaz de auxiliá-lo na abordagem do tema tratado, ao promover a indicação de elementos teórico-textuais e procedimentos de aplicação pedagógica que possam ser empregados ou adaptados, de acordo com cada contexto e realidade educacional específica.

Este artigo representa o recorte de uma pesquisa produzida junto ao programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, Núcleo da Universidade do Estado do Rio

Grande do Norte – UERN/*Campus* Caicó, concentrando-se tão somente na produção filosófica de um dos dois filósofos aí especialmente considerados – Hannah Arendt e Eric Voegelin. A referida pesquisa resultou na dissertação intitulada *Reflexões sobre o Totalitarismo a partir de Hannah Arendt e Eric Voegelin: uma proposta para o ensino de Filosofia no Ensino Médio* e em um texto-base<sup>3</sup>, que serve de instrumento teórico para embasar aulas de filosofia que se utilizam do estudo do totalitarismo como uma ocasião para se promover a atividade filosófica.

A problemática central que permeia este artigo gira em torno da seguinte questão: o acompanhamento da filosofia política de Hannah Arendt relacionada aos fatores que concorreram com a ascensão e o desenvolvimento do totalitarismo alemão<sup>4</sup> poderia servir para discentes do EM como instrumento de precaução contra ideologias totalitárias? A hipótese levantada é de que o acompanhamento do esforço filosófico de Hannah Arendt (1999, 2012) a respeito do totalitarismo alemão, no que concerne ao exame dos fatores (sociais, econômicos, políticos, espirituais, ideológicos) que possibilitaram sua insurgência, na primeira metade do século XX, poderia fornecer aos estudantes de filosofia do EM instrumentos para identificar os traços e propósitos do aparato de dominação ideológica que apoia os regimes totalitários, tornando-os capazes de reconhecer esses conteúdos ideologizantes no interior de projetos de manipulação em seu cotidiano.

114

O texto que embasa as preleções foi elaborado por meio de revisão bibliográfica de algumas das obras de Eric Voegelin – que por razão de espaço deixaremos para ser tratado por publicações ulteriores –, de Hannah Arendt – principalmente, *Eichmann em Jerusalém* e *Origens do Totalitarismo* – e de seus comentadores. No que concerne a essa autora, sua escolha como guia conceitual assenta-se na compreensão de que suas obras constituem bibliografia essencial para estudos sobre o totalitarismo, visto a capacidade descritiva de seus trabalhos na aproximação contemporânea dessa temática.

O artigo está distribuído em três seções principais: uma, mais breve, informa a caracterização do grupo focal da aplicação da pesquisa e a definição dos procedimentos

<sup>3</sup> O conteúdo teórico do texto-base produzido é o mesmo presente na dissertação, que compendia a pesquisa. Entretanto, o material foi acrescido de imagens e ilustrações, por sugestão dos próprios participantes da pesquisa, passando a receber o título *Reflexões sobre o Totalitarismo: uma introdução às análises de Hannah Arendt e Eric Voegelin*. A dissertação pode ser acessada em: <https://drive.google.com/file/d/1XtaV1hkr7OET5otZqT5lbp82REcgoT8V/view?usp=sharing>.

<sup>4</sup> Optou-se por dar ênfase à análise do Nacional-socialismo na Alemanha em razão de que é esse movimento o objeto de pesquisa de Hannah Arendt e Eric Voegelin, filósofos cujas reflexões dão fundamento à pesquisa original, a partir da qual o presente artigo foi produzido.

empregados (preleções e seminários); outra, a segunda, destina-se a apresentar o conteúdo das preleções e parte das discussões teóricas que as fundamentaram; e a última relata as questões exploradas nos seminários e as respostas desenvolvidas pelos próprios discentes/participantes da pesquisa, visando com isso a atestar a eficácia do material e das estratégias didáticas utilizadas.

### **Contexto e recursos de aplicação**

As ações didáticas promovidas por esta investigação filosófica ocorreram entre outubro e dezembro de 2019, e foram realizadas com a colaboração de 16 voluntários, de ambos os sexos, na faixa etária entre 18 e 19 anos, que integravam parte do corpo discente da turma do 4º Ano do Curso Técnico de Nível Médio em Informática na forma Integrada, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, *Campus Caicó*. Como já mencionado, essas experiências foram desenvolvidas por meio de preleções e de seminários, que tiveram como ponto de apoio teórico um texto, produzido pelos pesquisadores, que compendiava os principais conceitos, proposições e argumentos presentes nas reflexões dos filósofos citados – Arendt e Voegelin – a respeito do totalitarismo. Esse texto-base foi, previamente, disponibilizado aos voluntários, antes mesmo da primeira preleção, em formato eletrônico (PDF), postado em uma sala virtual do Google Sala de Aula. Durante as aulas, sempre que necessário, os estudantes podiam acessá-lo pelo celular, tablet, computador ou acompanhar sua projeção pelo aparelho multimídia.

Tanto a concepção de preleção quanto a de seminários baseiam-se nos escritos do filósofo americano Mortimer Adler (2014). Assim, o sentido de preleção adotado aqui designa “[...] todas as formas de persuasão instrutiva – esforços de convencimento que objetivam um resultado intelectual e teórico [...]” (ADLER, 2014, p. 53) e, no que se refere à distinção entre esses elementos, o autor esclarece que “as preleções e as outras formas de discurso instrutivo são ensinamentos realizados através da exposição [...]. No seminário, [...] o ensino se dá através de um debate conduzido por meio de perguntas e respostas, estas frequentemente contestadas” (ADLER, 2014, p. 144).

As preleções arendtianas ocorreram ao longo de três aulas e os seminários ocuparam quatro aulas. O objetivo geral das preleções foi promover uma aproximação inicial com a autora estudada, introduzir ideias, conceitos, proposições, argumentações e reflexões

que seriam aprofundadas durante a leitura do texto produzido, no qual os alunos se apoiaram para preparar os seminários. Os procedimentos adotados para as preleções, dessa forma, foram o da exposição oral – que foram dialogadas, conduzidas pelo professor, mas com interação dos alunos, que expuseram suas dúvidas, questões, comentários –, o da leitura e da discussão de trechos do texto-base.

Quanto aos seminários, seu objetivo era o de levar os alunos à produção de uma dinâmica interpretativa e expressiva mais pessoal, que os facultasse uma experiência de atividade filosófica. Esses foram executados tendo como base um roteiro de questões, a partir do qual os alunos, organizados em grupos menores de participantes (cinco grupos), deveriam preparar apresentações a serem compartilhadas com os outros colegas. Contudo, é preciso dizer que, dada a exigência de brevidade, optamos por focar o conteúdo das preleções e seminários que tratam da formação das massas, do antissemitismo e da rígida organização burocrática.<sup>5</sup>

### **Preleções sobre o totalitarismo: introdução ao pensamento de Hannah Arendt**

As preleções arendtianas aconteceram nos dias 16 e 30 de outubro de 2019. Utilizou-se do recurso do projetor multimídia (data-show) para exibir apresentações em *power-point* (com imagens ilustrativas e citações) e trechos do material, para serem lidos e discutidos durante as aulas.

As discussões iniciais trataram a respeito de alguns dos fatores apontados por Arendt como “antecedentes” do movimento totalitário alemão, que contribuíram com sua insurreição, quais sejam: o surgimento das massas, as reações antissemitas e a divisão burocrática, identificada como legado do Imperialismo.

### **O colapso dos Estados nacionais e a formação das massas**

<sup>5</sup> Na seção da dissertação destinada ao exame dos escritos arendtianos, promovem-se ainda discussões referentes a temas como: o papel do Líder totalitário na efetivação da obediência – aproximando, nesse aspecto, as análises de Arendt com aquelas empreendidas por Bauman (1998) e Milgram (1983); o cientificismo empregado na base das propagandas ideológicas totalitárias como justificativa para o racismo; a influência do Imperialismo na construção da ideologia totalitária (legando heranças ideológicas como o racismo e a divisão burocrática); o conceito de banalidade do mal; a incapacidade de pensar e de julgar que, para Arendt, caracterizava os adeptos dos movimentos totalitários, dentre outras discussões. Esses conceitos também são explorados nas preleções e nos seminários, e a descrição e a análise dessas experiências são feitas na dissertação. Contudo, como já justificado, eles não puderam ser explorados no presente escrito.

Na análise arendtiana, observa-se como uma das indicações mais explícitas a respeito das condições que favoreceram os movimentos totalitários a concepção de que eles se aproveitaram da crise econômica e política gerada pelo colapso dos Estados Nacionais da Europa, que, de certa forma, representa mais uma consequência da destruição (econômica, estrutural, política etc.) resultante da Primeira Guerra Mundial (1914-1918): após a primeira grande Guerra se deu um aumento considerável do número de cidadãos com precárias condições materiais; à pobreza material, seguiu-se o empobrecimento dos laços culturais tradicionais que atavam as pessoas a seus grupos sociais habituais. Os indivíduos, então, isolados e desolados, amontoaram-se em aglomerados humanos, culturalmente vazios e, politicamente, desorientados, gerando as massas.

O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto (ARENDDT, 2012, p. 438-439).

117

A ascensão do Partido Nazista na Alemanha se dá com a conquista das massas, ou seja, dos contingentes humanos assolados pelo estado de vácuo cultural e desorientação política, que deixam lacunas a serem preenchidas pela adesão à ideologia. Mas essa caracterização social não era específica da nação germânica. A ausência de efetividade política retrata a condição de grande parcela da população dos Estados-nações europeus do século XX:

A ninguém importava que a maioria dos membros de cada classe permanecesse fora de qualquer partido ou organização política. Em outras palavras, o fato de um indivíduo pertencer a uma classe, que tinha obrigações grupais limitadas e certas atitudes tradicionais em relação ao governo, impediu o crescimento de um corpo de cidadãos que se sentissem, individual e pessoalmente, responsáveis pelo governo do país. Esse caráter apolítico das populações dos Estados-nações veio à tona somente quando o sistema de classes entrou em colapso e destruiu toda a urdidura de fios visíveis e invisíveis que ligavam o povo à estrutura política (ARENDDT, 2012, p. 443).

De início, o fato de um número significativo de cidadãos se encontrar politicamente indiferente e culturalmente desenraizado não gerou maiores preocupações. Contudo, quando se observou a força política que esses contingentes representavam para o

futuro da Europa, o fenômeno começou a preocupar. Com o declínio das condições materiais e econômicas, em toda a Europa se testemunhou como os indivíduos “[...] deixavam de lado a apatia e marchavam para onde vissem oportunidade de expressar a sua violenta oposição” (ARENDR, 2012, p. 444). Os problemas sociais e econômicos agravados pela Primeira Guerra Mundial, como o desemprego, a inflação, a fome e a miséria, aumentaram exponencialmente a massa de cidadãos descontentes e desolados que ansiavam por mudanças econômicas e políticas, e foi justamente com promessas de transformações políticas, recuperação econômica e exaltação nacional que os movimentos totalitários atraíram as massas.

O plano de fundo social que propiciou o surgimento e a ascensão dos movimentos totalitários é bem simples de ser entendido: uma grande massa de cidadãos desligados de suas tradições culturais, desconfiados dos partidos convencionais, assolados por problemas sociais e econômicos, que os faziam ansiar desesperadamente por mudanças rápidas, são o alvo perfeito dos programas políticos totalitários. Esses oferecem uma completa modificação na política, restauração e crescimento econômico, glorificação e enaltecimento da Nação, e concedem, ainda, um papel mais ativo ao indivíduo, aumentando sua responsabilidade inicial nessas mudanças. Pediam, entretanto, em troca um apoio incondicional; inicialmente, sustentado no sentimento de pertença e de participação na realização dessa grande “missão política” que prometiam e, posteriormente, no medo ou terror (ARENDR, 2012).

#### O mito da conspiração judaica e a radicalização do antissemitismo

Um artifício empregado pela retórica totalitária para assustar a massa, e assim implantar na sociedade a ideia de que o Partido seria necessário para “salvar” a situação, consistia em transformar o seu oponente em ameaça, e esse foi o grande papel das “propagandas de terror”. Um exemplo dessa estratégia utilizada pelo Partido Nazista na Alemanha foi o mito da “conspiração dos judeus”, que contribuiu consideravelmente para aumentar as reações antissemitas.

Quanto a isso, é importante esclarecer que a análise de Arendt (2012) se debruça sobre o antissemitismo moderno (que se desenvolve, principalmente, a partir do século XIX) o qual, de modo diverso do antigo e do medieval – alicerçados em preconceitos religiosos –,

possuía um cunho eminentemente político. A autora entende ainda que, em sua versão moderna, esse fenômeno é alavancado por certa “postura de segregação” (acolhida, inclusive, pelos próprios judeus) e pelo colapso dos Estados-nações.

No final do século XVI, os judeus passam a conceber que a grande diferença entre eles e os gentios não é apenas uma questão de crença, mas sim de etnia. Por ser o traço que constitui a identidade judaica, ela deveria ser exaltada. Ora, a exaltação da especificidade étnica própria dos judeus modernizava e fortificava, perante a comunidade judaica, a alcunha de “povo escolhido”, o que contribuía para afirmar a dicotomia entre judeus e não judeus. Como consequência,

[...] o judaísmo se tornou “um sistema fechado de pensamento”. [...] Essa mudança na avaliação do caráter diferente do povo judeu – que só surgiu entre os não judeus muito mais tarde, na Era do Esclarecimento – constituiu certamente a condição *sine qua non* do nascimento do antissemitismo, e é de certa importância observar que ela ocorreu primeiro no ato da autointerpretação judaica, surgido na época da fragmentação da cristandade europeia em grupos étnicos, os quais depois alcançariam a autonomia política, formando o sistema de Estados-nações (ARENDR, 2012, p. 17-18).

Se a concentração na especificidade étnica dos hebreus encontrou um contexto favorável quando da formação dos Estados-nações, com o colapso desses últimos, ela favoreceu o aumento do antissemitismo. Para compreender isso, é necessário lembrar um pouco da relação que alguns judeus ricos (grandes comerciantes, banqueiros) estabeleceram tanto com os sistemas monárquicos quanto com os Estados-nações: os judeus abastados concediam ajudas financeiras ao papado e às monarquias, ainda nos séculos XVII e XVIII; e quando os Estados-nações surgem, principalmente após a Revolução Francesa, os novos regimes continuam vinculados à necessidade de auxílio financeiro. Então, novamente os judeus ricos concedem esse aporte econômico, tendo, em troca, seus direitos ampliados. A capacidade de adaptação às situações políticas por parte do poder econômico, representado especialmente por judeus – livres das acusações de usura, que, ao contrário, pairava como um fantasma sobre os cristãos que quisessem se ocupar com empréstimos financeiros, ainda mais depois que a França, alegando essas razões, confiscou os bens e os créditos da Ordem Templária –, não passará despercebida.

[...] é rica de exemplos da rapidez com que os banqueiros judeus transferiam a sua lealdade de um governo para outro, mesmo após mudanças revolucionárias. Os Rothschild franceses não levaram mais que 24 horas para transferir, em 1848, seus serviços de Luís Filipe à nova e passageira República Francesa e, depois, para Napoleão III. O mesmo processo se repetiu na França, a um ritmo mais lento, após a

queda do Segundo Império e o estabelecimento da Terceira República. Na Alemanha, essa mudança súbita e fácil foi simbolizada, depois da revolução [republicana] de 1918, pela política financeira da família banqueira dos Warburg, de um lado, e pelas volúveis ambições políticas de Walter Rathenau, de outro (ARENDR, 2012, p. 51-52).

O governo mudava, o sistema político se alterava, mas o auxílio dos judeus abastados permanecia, o que indica que eles “[...] jamais se aliavam a um governo específico, e sim a governos, à autoridade em si” (ARENDR, 2012, p. 53). O ponto, no entanto, é que enquanto os Estados-nações se conservam e conseguem garantir os direitos dos cidadãos, os judeus financiadores gozam de alguns privilégios e direitos. Nesse cenário, o restante da população não vê mal algum nesses privilégios (como ocorria com a aristocracia antes da Revolução Francesa). Contudo, quando os Estados-nações europeus entram em crise e se mostram incapazes de assegurar os direitos da população, o povo identifica-se cada vez menos com o sistema de governo e, por conseguinte, a utilidade político-econômica dos judeus também é reavaliada. O declínio do Estado-nação promove um grande descontentamento da população quanto ao panorama social vigente (marcado pela miséria, fome, desemprego), e o resultado desses problemas é o surgimento de um profundo ódio ao sistema político e a todos que são, de alguma forma, ligados a ele, como os judeus.

120

A associação entre certos judeus abastados e os governos dos Estados-nações gerou dois mitos: o primeiro é o de que, em geral, judeus são ricos e poderosos; o segundo é a ideia de que a influência dos judeus se estende para além do fator econômico, convertendo-se em poder político. O segundo mito leva ao surgimento da lenda da conspiração judaica, que gira em torno da existência de uma trama secreta judaica para obter e controlar a política europeia. A confusão era tamanha que se passou da acusação de que judeus se associavam a serviços alemães de espionagem contra o Estado Francês, como mostra o caso Dreyfus, ao entendimento de que teria sido a mesma conspiração judaica a responsável pela humilhação da Nação Alemã advinda com a derrota na Primeira Guerra Mundial e as sanções que, a partir de então, contra ela foram aplicadas. Sob os auspícios dessa ideologia, os judeus passam a ser encarados como uma ameaça.

Os acontecimentos políticos do século XX atiraram o povo judeu no centro do turbilhão de eventos; a questão judaica e o antissemitismo, fenômenos relativamente sem importância em termos de política mundial, transformaram-se em agente catalisador, inicialmente, da ascensão do movimento nazista e do estabelecimento da estrutura organizacional do Terceiro Reich, no qual todo cidadão tinha de provar que não era judeu ou descendente dos judeus; e, em

seguida, de uma guerra mundial de ferocidade nunca vista, que culminou, finalmente, com o surgimento do genocídio, crime até então desconhecido em meio à civilização ocidental (ARENDDT, 2012, p. 21).

A “conspiração judaica” aparece, por exemplo, no *Mein Kampf*, de Adolf Hitler. Nessa obra, faz-se presente a ideia de que o judeu

[...] está destruindo cada vez mais os fundamentos de uma economia verdadeiramente útil ao povo. Pelo recurso das sociedades de ações, vai penetrando nos círculos da produção nacional, faz desta um objeto mais suscetível de compra e de traficância, roubando assim às empresas a base de propriedade pessoal. [...] Cresce assim a influência dos judeus em matéria econômica, além da Bolsa, e isso com assombrosa rapidez. Torna-se proprietário ou controlador das forças de trabalho do país (HITLER, 1925, p. 298).

O mito da “conspiração judaica” foi fortemente usado pelas propagandas nazistas para ajudar a disseminar o preconceito, o ódio e reações antisemitas. As propagandas ideológicas insistiam em pintar o quadro dos judeus como uma grande família responsável por montar uma teia de comércio, poder e influência de extensão supranacionais, representando uma força oculta que age por trás, ou melhor, acima de todos os governos, e que teria o poder de manipulá-los secreta e maliciosamente para atender aos seus interesses. Portanto, nota-se que

121

[...] devido à sua relação íntima com as fontes de poder do Estado, os judeus eram invariavelmente identificados com o próprio poder e, devido ao seu desligamento da sociedade e à sua concentração no fechado círculo familiar, eram suspeitos de maquinarem – mancomunados com o poder, mas separados da sociedade – a destruição desta sociedade e de suas estruturas (ARENDDT, 2012, p. 58).

Nessa direção, “estrategicamente, os nazistas espalharam o temor à conspiração judaica e acentuaram o seu desmonte em questões de raça” (SIVIERO, 2016, p. 34). A estratégia de publicidade não taxa os judeus como meros e inocentes “bodes expiatórios”, muito ao contrário, para disseminar o ódio contra os grupos perseguidos converte-os em ameaças. Como resultado, ocorre que o “[...] chamado bode expiatório deixa de ser a vítima inocente a quem o mundo culpa por todos os seus pecados e através do qual deseja escapar ao castigo; torna-se um grupo entre outros grupos, todos igualmente envolvidos nos problemas do mundo” (ARENDDT, 2012, p. 29). A comunidade judaica passa a ser concebida não só como envolvida nos problemas do mundo, mas como sua grande orquestradora.

Invocando essas motivações, o Nacional-socialismo alemão fez com que a investida contra os judeus fosse encarada pelas massas como uma questão de sobrevivência, propagando a mensagem de que se os judeus vencerem, os demais perecerão. E é com essas artimanhas falaciosas que as propagandas totalitárias conseguem apoio e adesão das massas na sua “caça às bruxas”. Desse modo, o medo estimulado pela hipótese da “conspiração mundial judaica” agiu como combustível jogado às chamas do antisemitismo, fazendo com que os indivíduos massificados encontrassem uma causa comum que os lançasse nos braços do partido: a necessidade de lutar contra a ameaça do domínio judeu mundial.

A essa altura, não há mais a necessidade de provas, a propaganda atingiu sua meta, o seu “[...] conteúdo alcança consistência e adesão pela instauração do medo, sem a preocupação com a verdade de fato” (SIVIERO, 2016, p. 33). A essa estratégia retórica, serão acrescentadas outras motivações ou ausências de motivações para garantir a adesão aos procedimentos típicos do totalitarismo e a insistência em sua reprodução, como será o caso do uso da burocracia.

A organização burocrática: obediência e desinformação

122

Os indivíduos que viveram sob o governo do Partido Nazista e seguiram Hitler não eram em seu maior número criminosos natos, nem sanguinários, loucos e malvados. Segundo Arendt (1999), embora existisse, é claro, seguidores que pareciam divertir-se com a crueldade e com a prática da tortura (física e psicológica), grande parte dos adeptos do Nacional-socialismo era integrada por pessoas comuns, e, ainda assim, muitos colaboraram com os atos que ocasionaram o assassinato em massa de milhões de judeus e outras etnias. Como indivíduos aparentemente comuns aceitaram contribuir com esse inusitado crime que é o genocídio?

Um fator importante para esse empreendimento desumano foi a burocracia, uma das heranças do imperialismo (o racismo seria outro legado imperialista que também se fez presente na base ideológica dos movimentos totalitários). Essa burocracia era organizada em uma rígida hierarquia que dividia um grande processo em uma vasta rede causal de pequenas ações, realizadas por indivíduos (ou grupos) distintos. Acerca da finalidade e papel desse mecanismo na organização totalitária, a autora ressalta: “Claro que é importante para as ciências políticas e sociais que a essência do governo totalitário, e talvez a natureza de toda

burocracia, seja transformar homens em funcionários e meras engrenagens, assim os desumanizando” (ARENDDT, 1999, p. 322).

O sistema burocrático nazista foi desenvolvido, analogamente à organização produtiva que passa a vigorar com a revolução industrial, sobre a base de uma estrutura composta por ações fragmentadas, cuja finalidade era impedir que os agentes envolvidos em cada etapa da ação se reconhecessem como culpados pelo seu resultado. Portanto, entre o burocrata que ordenava a morte dos judeus até aquele agente que aciona o mecanismo que libera o gás letal de uma câmara havia um número indefinido de pequenas ações, realizadas por pessoas ou equipes diferentes, que, separadas, pareciam “inofensivas”, mas juntas concorriam para o genocídio.

Essa forma de divisão do trabalho pode ser denominada de “mediação da ação”, termo cunhado pelo filósofo húngaro John Lachs (1934-). Esse conceito também é trabalhado pelo filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), em sua obra *Modernidade e Holocausto*. É sabido que grande parte dos seguidores do Partido Nazista não cometeu diretamente atos violentos, mas contribuiu para a realização deles de maneira indireta.

[...] deve-se ter em mente que a maioria dos participantes [do genocídio] não atirou em crianças nem despejou gás em câmaras de gás [...]. A maioria dos burocratas compôs memorandos, redigiu planos, falou ao telefone e participou de conferências. Podiam destruir todo um povo sentado em suas escrivaninhas (HILBERG, 1983, p. 1024, *apud* BAUMAN, 1998 p. 30).

Desse modo, o fenômeno da mediação da ação enseja uma fragmentação do processo causal de determinada atividade, o que torna difícil que o agente participante consiga perceber as ligações causais entre cada pequena ação e seu resultado: “Há uma grande distância entre intenções e realizações práticas, com o espaço entre as duas coisas preenchido por uma infinidade de atos insignificantes e atores inconsequentes. [...] O ‘intermediário’ esconde da vista dos atores os resultados da ação” (BAUMAN, 1998, p. 30-31).

Para ilustrar essa situação, durante as preleções ocorreu a exibição da abertura do filme *O Senhor das Armas*<sup>6</sup>. A cena retrata o trajeto de uma munição, do início da sua produção até seu disparo, revelando o enorme número de etapas e de pessoas envolvidas em todo o processo, exemplificando a concepção de que, devido à extensa cadeia causal de pequenos agentes, a imensa maioria dos indivíduos envolvidos naquele processo produtivo

<sup>6</sup> O título original desse filme é *Lord of War*. Lançado em 2005 e dirigido por Andrew Niccol (que também é seu autor e produtor).

não percebe que pode ter contribuído indiretamente para a mesma chacina que acompanha, com autêntica tristeza e indignação, nos noticiários.<sup>7</sup>

Seja como for, o fenômeno da mediação da ação não diminui em nada a crueldade perpetrada contra as vítimas desses crimes, nem a culpa dos que com ela conscientemente se envolveram, os quais não podem simplesmente atribuir a razão da sua participação ao entorpecimento produzido pelo mecanismo ideológico nazista ou pela “oratória mágica” do seu líder.<sup>8</sup> É evidente que fatores como esses serviram de mecanismo de sustentação ao regime em questão. Contudo, como a presença de dissidentes deixa claro,<sup>9</sup> a capacidade cognitiva e axiológica dos homens dessa época e contexto social, como em tantos outros casos, de forma alguma se encontrava anulada. Assim, a responsabilidade pelas ações realizadas pode ser cobrada.

O valor ético das ações humanas, com efeito, não se avalia pela facilidade de praticá-las. O bom senso, sem dúvida alguma, sustenta que nenhum homem pode desistir de pensar por si e, simplesmente, aceitar seguir as opiniões da massa. Mas tal fenômeno ocorreu assim mesmo. Milhões de pessoas associaram-se a visões totalitárias e em nome delas cometeram ou permitiram que se cometessem diversas atrocidades. Os movimentos

<sup>7</sup> O exame acerca da associação entre incapacidade de pensar e julgar autônomos, obediência irrestrita e banalidade do mal pode ser desenvolvido com a colaboração das discussões presentes no livro *Obediência à autoridade*, do psicólogo comportamental norte-americano Stanley Milgram. A obra visa a compreender como as pessoas aceitam seguir ordens manifestamente antiéticas de autoridades, e a pesquisa que a sustenta, realizada em 1961, pretendia justamente lançar luz sobre o motivo que teria feito com que os soldados, funcionários e o povo da Alemanha continuassem seguindo os comandos claramente violentos e cruéis do regime de Hitler. O psicólogo aponta para um distanciamento visual entre o agente e a vítima de sua ação como fator crucial para isso, afirmando que “[...] qualquer fator que vá criar uma distância entre a pessoa e a vítima, irá resultar numa redução da tensão do participante e, dessa forma, irá diminuir a desobediência. [...] De fato, é típico da burocracia moderna, mesmo quando projetada com propósitos destrutivos, que a maioria das pessoas envolvidas na organização não realiza diretamente qualquer ação destrutiva. Elas lidam com papéis ou carregam munição ou fazem qualquer outra coisa que embora contribuam para o efeito destrutivo final são pequenos para os olhos e mentes dos funcionários” (MILGRAM, 1983, p. 71). Há um filme, intitulado *O Experimento de Milgram* (o título original em inglês é *Experimenter: the Stanley Milgram story*, lançado em 2015, dirigido por Michael Almereyda), que demonstra os procedimentos e o resultado do experimento que dá origem ao livro. Entretanto, essa discussão também teve de ser abreviada e, desse modo, esses recursos não foram aplicados.

<sup>8</sup> Como sustenta a hipótese lançada por uma série de artigos intitulados “A anatomia de um Ditador”, publicados pelo historiador alemão Percy Ernst Schramm, na revista *Der Spiegel*, que descreve Adolf Hitler como alguém que com sua oratória “mágica” e seu carisma irresistível foi capaz de “enfeitiçar” uma nação inteira. Inclusive, são esses artigos que levam Eric Voegelin a lecionar as preleções que constituirão o seu *Hitler e os Alemães*, como um esforço para evitar que a juventude universitária alemã do pós-guerra seja enganada por esse tipo de relato.

<sup>9</sup> O filme *A Lista de Schindler* (cujo título original é *Shindler's List*, lançado em 1993 e dirigido por Steven Spielberg) é um bom exemplo para explorar algumas das histórias de pessoas comuns que rompem os laços do controle ideológico do Partido Nazista e tentam salvar a vida de judeus. Outra sugestão a esse respeito seria ler trechos da obra *Os Outros Schindlers*: as dramáticas histórias dos heróis anônimos que decidiram arriscar suas vidas para salvar os judeus do Holocausto (GRUNWALD-SPIER, 2011).

totalitários aproveitaram-se da “[...] condição de deslocados espirituais e sociais [...]” (ARENDR, 2012, p. 486) dos cidadãos massificados e converteram-nos em agentes eficientes, devotados e submissos.

Feitas essas exposições, centrais, mas não exaurientes das reflexões contidas no texto-base utilizado para as preleções e seminários, passemos à consideração desses últimos.

### **Seminários: reflexões arendtianas acerca do totalitarismo**

Nos seminários, o foco é direcionado para os discentes: o professor disponibiliza as perguntas (que foram formuladas previamente e encaminhadas para cada grupo) e faz a mediação das discussões e algumas intervenções para se promoverem esclarecimentos; contudo, a maior parte das exposições é realizada pelos próprios discentes.

O relato que seguirá, sobre o conteúdo exposto nos seminários, pretende diagnosticar a eficácia e contribuições da leitura e discussão dos textos produzidos. A intenção é descrever as falas dos participantes e as impressões do professor a seu respeito, tentando por meio disso indicar se o contato com a produção textual de fato surtiu efeito nas concepções e análises expressas pelos estudantes.

Os seminários destinados às discussões das ideias e conceitos arendtianos ocorreram em quatro aulas, entre os dias 27 de novembro e quatro de dezembro de 2019. Para a produção dos seminários, os estudantes foram divididos em grupos, e cada grupo ficou responsável pelo estudo de uma parte diferente do texto base. Em sua preparação, cada grupo deveria ler e discutir seu texto, construir as respostas das questões disponibilizadas previamente pelo professor e montar a apresentação, baseando-se nas perguntas e nos conceitos, juízos e argumentos centrais. Durante a exposição, o grupo mostrava as questões e discutia suas respostas com os demais.

Na descrição dessas atividades, exposta a seguir, os nomes reais dos estudantes não serão mencionados, visando a garantir seu anonimato. Assim, cada participante recebeu um código, composto pela letra E (escrita na forma maiúscula, fazendo alusão a “estudante”) acompanhada por um número que segue uma ordem definida pelo professor (por exemplo: E-1, E-2). Na descrição das falas e respostas dos estudantes durante os seminários, o código que faz alusão ao autor da fala constará após a sua citação e será posto entre parênteses. Procedamos, então, com a descrição dos seminários.

Nas experiências didáticas que constituíram a dissertação, os estudantes foram dispostos em cinco equipes<sup>10</sup>. Contudo, como mencionado, só serão expressas as respostas e experiências dos seminários relacionados com os temas “Surgimentos das Massas” (que será referido doravante como Grupo 1), “Antissemitismo e Conspiração Judaica” (descrito como Grupo 2) e “Fragmentação da Ação na Burocracia Totalitária” (identificado como Grupo 3), por serem os temas discutidos anteriormente neste artigo. Após a exibição de todas as perguntas de cada grupo, serão expostas algumas das respostas dos estudantes, inclusive, em alguns casos, com a transcrição literal do seu conteúdo. Esse procedimento será feito apenas com relação às questões consideradas mais complexas, a fim de revelar a compreensão dos discentes voluntários acerca do tema abordado no texto, explorado a partir da proposição de problemas.

Grupo 1: os componentes desta equipe dedicaram-se a analisar as perguntas que seguem: (1) o que são as massas e quais fatores contribuíram para gerá-las? (2) Quais problemas concorreram para fazer as massas, antes indiferentes politicamente, rumarem para adesão e apoio aos movimentos totalitários? (3) Em que consiste a culpa por associação (como ela funcionava) e qual é a sua consequência prática? (4) As convicções dos seguidores das ideologias totalitárias não são abaladas mesmo após a promoção de atos de violência e crueldade do partido contra os grupos perseguidos. De que maneira a ideologia totalitária consegue promover esse grau de ligação e obediência?

Respostas do Grupo 1: para discutir as questões 1, 2 e 4, o grupo efetuou uma pequena encenação, que mostrava esta situação: duas famílias vizinhas possuíam grande contato e aproximação entre si; os pais eram colegas de trabalho, os filhos estudavam na mesma instituição, as famílias frequentavam os mesmos ambientes de diversão e lazer, pareciam comungar dos mesmos valores sociais, demonstravam aversão a injustiças e violência, e não se preocupavam com a política. Contudo, após um colapso econômico nacional, um dos pais perdeu o emprego, vendo-se forçado a mudar de residência, indo morar em uma casa menor em outro bairro, o filho também teve de mudar de escola, eles perderam os antigos laços sociais que os ligavam a outra família – ilustrando com isso os fatores que concorreram para gerar as massas. Desempregado e passando por enormes dificuldades financeiras, o pai atribui a culpa e a responsabilidade da crise econômica à incompetência da

<sup>10</sup> Que trataram dos seguintes temas: O Nascimento das Massas, o Perigo Massificado; Ciência e Ideologia Totalitária; Antissemitismo e a Propagação da Conspiração Judaica; O papel Ideológico do Medo; Irreflexão e Banalidade do Mal.

classe política atual, passando a nutrir grande rejeição ao sistema político e aos grupos e instituições ligados a ele.

Diante desse quadro, surge um novo partido político, com ideais revolucionários, demonstrando revolta contra a classe política atual e prometendo alterar o quadro vigente, recuperar a estabilidade econômica, gerar novos empregos e garantir melhorias de vida ao povo, caso chegue ao poder. Entretanto, para tal missão, exige o apoio incondicional dos seus novos adeptos – exemplificando como as massas se dispuseram a seguir os movimentos totalitários. O líder do partido é exaltado como o único que sabe como implementar os esforços que devem ser feitos para empreender as mudanças necessárias e para mantê-las; então, é preciso ter “fé” em sua competência. Líder e partido são indispensáveis, sem eles a sociedade desmorona: o líder pensa, os seguidores do partido executam, e a sociedade é mantida – é como se a mensagem difundida pela ideologia fosse viva para o partido e ele garantisse sua vida e seu modo de viver. Dessa forma, a população é induzida à concepção de que somente o líder é capaz de conduzir a nação, as decisões políticas e sociais cabem apenas a ele e, sem ele, não há nação – explicando como foi fundada a ideologia que promoveu a obediência da população ao partido, como se a sobrevivência da sociedade fosse dependente dele.

Durante as discussões motivadas pela encenação, um dos discentes de outro grupo ressaltou que o cidadão massificado parece ter estabelecido um “pacto social” com os movimentos totalitários, aceitando “alienar-se de sua responsabilidade política, de sua capacidade de pensamento e julgamento próprios, para ter suas necessidades materiais atendidas” (E-13).

Grupo 2: os integrantes debruçaram-se nas seguintes problemáticas: (1) o que pregava o mito da Conspiração Judaica e qual era o seu objetivo ideológico? (2) De que maneira esse mito contribuiu para a adesão dos sujeitos massificados ao partido e para justificar a investida contra os judeus? (3) Opinião e comportamento baseados em preconceito e em informações cuja veracidade não foi atestada; assim agiram os sujeitos atraídos pelas estratégias de manipulação ideológica de movimentos totalitários como o Nacional-socialismo. Esse tipo de mecanismo de manipulação ideológica não foi extinto. Cite exemplos atuais que ilustrem o emprego dessa estratégia (de veiculação de ideias falsas e preconceituosas, visando à manipulação das massas). (4) O terror também constitui um fator

crucial para a dominação ideológica dos regimes totalitários. Qual é o papel do terror na propaganda e na doutrinação ideológicas?

Debate do Grupo 2: as falas dos discentes, nos debates provenientes da indagação 2, manifestavam o pensamento de que o artifício da Conspiração Judaica almejava fazer com que as massas encarassem os judeus como uma ameaça que traria um perigo iminente, e para evitar esse risco era preciso apoiar o movimento Nazista. A artimanha ideológica da Conspiração Judaica alimentava a noção de que só havia duas opções ao povo alemão: associar-se ao movimento Nazista ou ser dominado pelos judeus. A luta contra os judeus seria a causa que uniria as massas ao Partido Nacional-socialista, e para vencer a ameaça judaica era preciso conceder total apoio e devoção ao Partido. Referente à questão 3, um(a) voluntário(a) afirmou:

Um dos exemplos atuais são, de certa forma, as eleições. Como visto no Brasil, a grande massa utiliza os aplicativos de mensagens instantâneas com frequência e foi justamente lá onde ocorreu a grande propagação de notícias e informações falsas com objetivo de influenciar a sociedade. Fato parecido ocorreu também nos Estados Unidos, em 2016, que até resultou em uma sabatina de aliados do presidente estadunidense pelo congresso do país (E-2).

No decorrer do seminário, integrantes de outros grupos destacaram que muitas pessoas se deixam induzir por notícias que leem em redes sociais, um(a) aluno(a) expressou que “um número considerável de pessoas aceita de antemão como verdade as notícias e mensagens lidas nas redes sociais e as divulgadas por aplicativo de mensagem. Parece que nem cogitam a possibilidade de aquilo ser falso, mesmo quando é algo absurdo” (E-4). Quando questionados se eles, os estudantes, acreditam nas informações veiculadas, responderam que costumam verificar o teor da notícia em sites diferentes, sites de veículos de informação com credibilidade, como de grandes jornais e de emissoras de tv. Mas o fato é que os discentes mostraram consciência acerca da possibilidade da veiculação de manchetes falsas, divulgadas visando a induzir a opinião e o comportamento dos expectadores.

Grupo 3: os estudantes refletiram sobre os questionamentos: (1) o filósofo húngaro John Lachs e o filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman utilizam o termo “mediação da ação” para descrever a forma de divisão do trabalho na burocracia do regime Nacional-socialista. Explique o significado do conceito de “mediação da ação”. Esse tipo de divisão ainda ocorre hoje? Se respondeu sim, exemplifique. (2) “O Líder representa o movimento de um modo totalmente diferente de todos os líderes de partidos comuns [...]”.

Ainda hoje é possível identificar instituições (políticas, religiosas, educacionais etc.) que defendem que os seus adeptos devem seguir incondicionalmente determinado líder ou autoridade? Se respondeu sim, encontre exemplos que ilustrem essa postura. (3) O fato de uma lei ser elaborada por líder(es) político(s) é suficiente para ela ser considerada justa? Podemos seguir incondicionalmente o(s) líder(es) político(s)? Justifique suas respostas. (4) Adolf Eichmann foi um dos principais responsáveis pelo setor que cuidava do transporte dos judeus para os campos de concentração e, depois, para os campos de extermínio. Mesmo assim, Eichmann não se sentia culpado ou responsável pelo assassinato dos judeus. Por que ele não se sentia culpado? Qual a relação disso com a banalidade do mal? (Esclareça ainda o que significa a banalidade do mal). Quais são os fatores que contribuem para gerar tal fenômeno?

Discussões do Grupo 3: no que tange à pergunta 2, foi dito por um(a) aluno(a) que

[...] na concepção geral, a ideia de seguir cegamente um Líder não é falada para todos ouvirem de maneira explícita nos dias de hoje. No entanto, existem grupos políticos da sociedade brasileira, como uma porção de ‘Bolsonaristas’ e ‘PTistas’, que acreditam e defendem de maneira voraz a filosofia de seus líderes, de uma forma que esses não podem ser questionados (E-8).

129

Acerca da questão 3, outro(a) estudante defendeu que

[...] não se pode seguir líderes políticos incondicionalmente nem muito menos uma lei elaborada por esses pode ser dita como justa sem análise prévia, pois aceitar e impor essa lei sem usar do bom senso vai de encontro com a democracia. É de extrema importância saber que cada cidadão e figura política tem sua própria ideologia ou seguem a ideologia de um grupo, que muitas vezes podem entrar em atrito. Nos EUA só existe dois grandes partidos, os democratas e os republicanos, que têm viés ideológicos opostos e muitas vezes se chocam, bem como no Brasil onde vem se acentuando o atrito da esquerda e da direita. Nesse sentido, uma lei elaborada por uma pessoa de ‘ideologia X’ pode trazer benefícios somente ao referido grupo de ‘ideologia X’. Dessa forma, é necessário que haja o exercício de análise crítica para identificar o sentido e a justiça de cada lei, independentemente de quem tenha sido seu progenitor. Destarte, formar-se-á uma legislação mais pluralista em suas ideias (E-6).

Com isso, observa-se que as argumentações manifestadas pelos voluntários tornam clara a percepção de que alguns dos elementos ideológicos totalitários, como a ideia de seguir o líder quase irrefletidamente, fazem-se presentes em seu entorno político, posto que seguidores de partidos e ideologias políticas atuais apresentam essa postura. Os discentes ainda exprimiram corretamente as ações que concorreram para a promoção do fenômeno da

banalidade do mal e, nos debates, reconheceram que a fragmentação e burocratização da ação permanece vigente, existindo na estrutura da organização de serviços públicos, na administração de grandes empresas e do Estado.

Do que foi observado, tanto na apresentação dos grupos quanto na interação dos demais, é possível inferir que eles demonstraram total compreensão das ideias e trechos analisados, expressando respostas e apontamentos adequados, coerentes, demonstrando entendimento, domínio e compreensão dos conceitos e argumentos presentes no elemento textual e também conseguindo extrair do texto elementos que auxiliam na análise da sua própria realidade social e política.

### **Considerações finais**

As experiências didáticas relatadas (preleções e seminários) revelaram que tanto os escritos quanto os procedimentos didático-metodológicos utilizados mostraram-se satisfatórios: as preleções configuraram-se como bons recursos na tarefa de promoção do contato inicial dos estudantes com os autores, obras e conceitos investigados, estabelecendo análises introdutórias de ideias, temas e problemas centrais abordados; e os seminários, estratégia de ensino baseada em debates guiados por problemas, induzem o discente a refletir acerca das ideias e problemas estruturais do texto, exigindo que ele aproprie-se dessas ideias e desenvolva argumentação para expressar e defender sua compreensão e perspectiva a respeito dos assuntos e temas relevantes analisados. Esse recurso inclina o estudante a um duplo diálogo: no primeiro momento, esse diálogo é com o texto e, posteriormente, durante a exposição, o diálogo expande-se aos seus colegas. Os recursos usados, então, promoveram o exercício de várias habilidades: de leitura; de argumentação oral, demonstrando clareza e coerência durante a fala nos seminários e na discussão de diferentes óticas e posicionamentos no decorrer dos debates; de escuta, ao ouvir e entender interpretações e posições distintas.

Por fim, de posse das vivências colhidas e relatadas, pode-se afirmar que o texto produzido consegue contribuir com a tarefa de ajudar a aprofundar e facilitar o entendimento dos estudantes sobre a temática explorada, uma vez que as argumentações expostas pelos voluntários, só em parte reproduzidas neste artigo, evidenciam a compreensão das ideias, conceitos, juízos e argumentos dos trechos analisados, expressando respostas e apontamentos corretos e adequados; revelam, ainda, a capacidade de identificar em seu próprio entorno

social a existência de elementos que estiveram na base das ideologias totalitárias, tais como a ideia de seguir quase incondicionalmente a líderes de partidos e ideologias políticas ou a veiculação de notícias e informações falsas, visando, por meio da desinformação e manipulação, a induzir a opinião e a conduta dos cidadãos.

Portanto, com base nas observações coletadas, atesta-se que o texto elaborado, aproveitando-se da ocasião que a filosofia de Hannah Arendt faculta, pode ser usado como recurso, unido às metodologias aplicadas para sua exploração (preleção e seminário), apto a promover a aproximação e o conhecimento dos discentes do Ensino Médio do totalitarismo e, assim, de instrumentos para precaver-se contra os perigos que ele traz.

### **Referências**

A LISTA DE SCHINDLER. Direção Steven Spielberg. Produção Branko Lustig, Gerald R. Molen, Irving Glovin, Kathleen Kennedy, Lew Rywin, Robert Raymond, Steven Spielberg. Estados Unidos: Universal Pictures, 1993. 1 DVD.

ADLER, Mortimer. **Como falar, como ouvir**. São Paulo: É Realizações, 2014.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GRUNWALD-SPIER, Agnes. **Os outros Schindlers**: as dramáticas histórias dos heróis anônimos que decidiram arriscar suas vidas para salvar os judeus do holocausto. Trad. Mario Molina. São Paulo: Cultrix, 2011.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. [S. l.: s. n.], 1925. 640 p. Disponível em: [https://ia800702.us.archive.org/23/items/meinkampf\\_minha\\_luta/por.pdf](https://ia800702.us.archive.org/23/items/meinkampf_minha_luta/por.pdf). Acesso em: 9 jul. 2019.

MILGRAM, Stanley. **Obediência à autoridade**: uma visão experimental. Trad. Luiz Orlando Coutinho Lemos. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1983.

O EXPERIMENTO DE MILGRAM. Direção Michael Almereyda. Produção Danny A. Abeckaser, Fabio Golombek, Isen Robbins, Uri Singer. Estados Unidos: Magnolia Pictures, 2015. 1 DVD.

O SENHOR DAS ARMAS. Direção Andrew Niccol. Produção Andrew Niccol, Chris Roberts, Nicolas Cage, Andreas Grosch, Andreas Schmid. Estados Unidos: Lions Gate Films, 2005. 1 DVD.

POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Vol. II. São Paulo: EDUSP, 1974.

SIVIERO, Iltomar. **Política e filosofia no pensamento de Hannah Arendt**: aproximações críticas desde a memória dos acontecimentos políticos. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016.

VOEGELIN, Eric. **Hitler e os alemães**. Trad. Elpídio Mário Dantas Fonseca. São Paulo: É Realizações, 2007.